

Secretaria de Educação avalia que de 5% a 8% dos professores aderiram ao movimento. Para os sindicalistas, 65% da categoria não deram aulas

Fotos: Ronaldo de Oliveira/CB



IVANISE DECIDIU FURAR A GREVE: "A SITUAÇÃO ESTÁ TÃO CAÓTICA QUE SE TIRAREM O SALÁRIO QUE RECEBO AGORA NÃO TEREI COMO PAGAR MINHAS CONTAS"

Adesão restrita à greve

MARCELA DUARTE

DA EQUIPE DO CORREIO

Sindicalistas e o governo fizeram avaliações distintas do primeiro dia da greve dos professores, decretada na última terça-feira. De acordo com a Secretaria de Educação, de 5% a 8% dos 21 mil educadores aderiram ao movimento grevista. Já o Sindicato dos Professores (Sinpro) acredita que a adesão da categoria ficou em 65%.

Os dados da Secretaria de Educação foram divulgados no início da noite de ontem, depois de um dia de pesquisas. "O número é o resultado de consultas realizadas de escola em escola", explicou o porta-voz do GDE, Paulo Fona. Segundo a diretoria do Sinpro, os dados do sindicato foram obtidos depois de assembleias realizadas em 14 escolas no Distrito Federal. Para tentar mobilizar a categoria, o Sinpro pretende fazer piquetes na porta dos colégios. "Não podemos esconder que é uma atitude difícil (entrar em greve). Os professores sofrem com ameaças. Mas queremos mostrar que não adianta ter medo, é preciso lutar", diz Antonio Lisboa, diretor do Sinpro.

No Centro de Ensino Médio Elefante Branco, que fica na 708 Sul, metade dos professores entrou em sala de aula. O medo de corte salarial foi a principal justificativa apresentada para furar a manifestação. "Não faço greve porque não vejo resultado. Não



NO CASEB, AS SALAS DE AULA FICARAM CHEIAS: 15% DOS PROFESSORES EM GREVE

quero prejudicar os alunos e o meu bolso", afirmou uma das docentes do Elefante Branco, que pediu para não ser identificada.

Os alunos aprovaram a presença dos professores. Para Guilherme Mota, 16 anos, os estudantes têm interesse em cumprir o cronograma do ano letivo. "Quem sofre as consequências são os alunos, com aulas aos sábados e férias pela metade", afirma o adolescente.

Turnos

No Centro de Ensino Fundamental Caseb, na 909 Sul, apenas três dos 20 professores aderiram ao movimento grevista. Desses três, dois dão aulas. No Centro de Ensino Médio EIT (Cemeit), em Taguatinga, dez

dos 19 docentes foram trabalhar. Já no Centro de Ensino Médio Ave Branca (Cemab), o maior colégio de ensino médio da cidade, 70% dos professores compareceram nos turnos matutino e vespertino. O diretor da escola buscou alternativas para não deixar os estudantes voltarem para casa. "Fizemos o remanejamento de aulas. Seguramos os alunos na escola para que eles não percam o conteúdo dos professores que decidiram trabalhar", diz Francisco Rosa Filho, 52 anos, diretor do Cemab.

Ivanise Helena de Lima, 43 anos, professora de Língua Portuguesa, foi uma das que trabalharam normalmente ontem à tarde. "A situação está tão caótica que se tirarem o salário que

recebo agora não terei como pagar minhas contas", justifica a professora. A aluna Aline Saldanha, 15 anos, que ficou sem aula na tarde de ontem, é contra a greve. "Acho justo lutar pelos direitos. Mas, quando isso passa a afetar outras pessoas, não dá para concordar", acredita a estudante do 2º ano do ensino médio.

Nas escolas classe 3, 12 e 13 da Ceilândia Norte, nenhum professor entrou em greve. Considerada em 2003, uma das melhores escolas de ensino médio por aprovar o maior número de alunos no Programa de Avaliação Seriada (PAS) da Universidade de Brasília (UnB), o Centro de Ensino Médio 2 funcionou normalmente. Dos 25 professores, dos três turnos, cinco pararam.

Negociações

Uma nova assembleia dos professores está marcada para terça-feira, no estacionamento do Mané Garrincha, para avaliar os rumos da greve. "Enquanto aguardamos as negociações com o governo, nossa meta é que mais professores façam parte do movimento", afirma Antonio Lisboa.

De acordo com o porta-voz Paulo Fona, as negociações estão encerradas até que os professores voltem para sala de aula. Os professores que não justificarem a ausência nesse período terão o ponto cortado. "A medida é bem clara. Não haverá negociação enquanto o fim da greve não for decretado", afirma Fona.